

# Economia Solidária e Necessária:

## Introdução ao Dossiê

Wagner de Souza Leite Molina<sup>1</sup>  
Joelson Gonçalves de Carvalho<sup>2</sup>  
Organizadores

---

<sup>1</sup>Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (DCSo/UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações e Sistemas Públicos (PPGGOSP). É pesquisador do Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMi-EcoSol). E-mail: [molinawsl@gmail.com](mailto:molinawsl@gmail.com).

<sup>2</sup>Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Unicamp e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos (DCSo/UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Organizações e Sistemas Públicos (PPGGOSP). É pesquisador do Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMi-EcoSol). E-mail: [joelson@ufscar.br](mailto:joelson@ufscar.br).

Desde meados da década de 1990, observamos, no Brasil, a dinamização de um conjunto diversificado de atividades econômicas de base associativa e autogestionária que vêm se reconhecendo ou sendo reconhecidas no campo das outras economias, economias estas que se propõem contrapor a concepção hegemônica de economia. São experiências coletivas que, a partir de práticas e estratégias de sobrevivência, trazem para a cena econômica também elementos políticos caracterizados por solidariedade, sustentabilidade, participação, autogestão, entre outros.

Assim, a expressão Economia Solidária tem servido para denominar iniciativas coletivas voltadas para produção de bens e serviços, comercialização e consumo, de natureza autogestionária, cooperativa e democrática, inclusive na tomada de decisões e distribuição de resultados financeiros. Todavia, e mais recentemente, muitos estudos e pesquisadores têm ressaltado o seu caráter contra hegemônico, associando-a à busca de uma outra forma de sociabilidade não capitalista (SINGER, 2000).

No contexto da perspectiva contra hegemônica, a Economia Solidária expressa uma diversidade significativa de empreendimentos e atividades dispersa em diversos movimentos, coletivos, cooperativas, etc. Assim, estamos falando de experiências econômicas coletivas e autogestionárias que se expressam nas mais diferentes formas de organização: cooperativas de produção, as cooperativas de trabalho/serviços, cooperativas de consumo, cooperativas de agricultura familiar, associações, grupos informais, redes e cadeias produtivas, organizações de finanças solidárias, entre outros (SANTOS, 2010).

Ainda que nem todas as experiências dentre as elencadas acima se reconheçam como parte integrante da Economia Solidária, todas se aproximam, de maneira mais ou menos direta, de um projeto político contra hegemônico, que compreende tanto as experiências econômicas tradicionais e suas formas de produzir e viver históricas – principalmente do meio rural – a exemplo das comunidades indígenas, quilombolas e organizações camponesas, bem como experiências urbanas mais recentes, de trabalhadores que, diante de sucessivas crises, resistiram e organizaram iniciativas de trabalho autogestionário e cooperativo. Assim, são muitos os sujeitos políticos nesse processo que, embora se apresentem sob distintas estratégias, atuam em prol de um modelo de sociedade (e de economia) mais justo e democrático. Cabe ressaltar que as muitas experiências organizadas em outras perspectivas sociais e econômicas foram, aos poucos, convergindo e construindo um movimento organizado e articulado em nível nacional, que busca consolidar espaços para as mais diferentes expressões da Economia Solidária.

Todavia, é inegável que a atual situação da política de Economia Solidária no Brasil reflete um enorme retrocesso, perto do que já se teve institucionalmente organizado no país. Além da crise política que impacta o país desde 2016, vivemos atualmente uma pandemia que veio se somar a um cenário preexistente de crise econômica mundial. Tal situação só pode ser enfrentada com o resgate da solidariedade como antídoto para os efeitos da hipercompetitividade e da violência (em suas diversas formas). Esta é a conjuntura que precisa ser compreendida frente a dinâmica (avanços e limites) da política de Economia Solidária no governo federal, sobretudo, porque influenciam desenhos de organização e construção da resistência dos movimentos sociais frente à lógica dominante. (MOLINA, SANTOS, CARVALHO, ALMEIDA & SCHIOCHET, 2020)

Em síntese, cresce a defesa da redistribuição de serviços públicos e de renda dissociada do trabalho, bem como a importância da solidariedade cooperativa para a recomposição do tecido social e econômico. É imperioso pensar, frente a sobreposição de crises, abrir as possibilidades reais e concretas para necessárias transformações civilizatórias. Posto os desafios do tempo presente, é necessário pensar em outra forma de organização econômica. Entendemos que nesse sentido, a Economia Solidária sintetiza e incorpora algumas características fundamentais para a construção de um futuro diferente. Estamos falando de trabalhar na defesa de uma economia focada nas pessoas, e não na geração de lucros, muitas vezes em detrimento destas.

Para isso, faz-se necessário não somente lutar pelo o direito ao trabalho, mas assegurar que todo trabalho seja digno, libertador, criativo – capaz de diferenciar os seres humanos das “bestas”, ao invés de bestializá-los (parafraseando Karl Marx). E é neste sentido que, como costumava afirmar Paul Singer, a Economia Solidária “é um ato pedagógico em si”.

A luta contra a bestialização humana pode assumir diversas formas e uma delas é esse dossiê. Os artigos aqui selecionados ilustram bem o que buscamos adiantar nessa introdução. Há nos trabalhos apresentados importantes apontamentos para se repensar o papel do Estado, a importância dos gestores e das políticas públicas, bem como o papel da gestão social e organização coletiva na construção efetiva de uma outra economia. Os artigos, além da qualidade e rigor acadêmicos, relatam realidades territorialmente distintas de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, contribuindo assim para alargar nossos horizontes na busca de uma outra sociabilidade, quiçá contra hegemônica, pautada pela solidariedade e na luta por justiça social. Enfim, uma ótima oportunidade para lançarmos luz à esperança em tempos tão sombrios.

## REFERÊNCIAS

MOLINA,W.S.L.; SANTOS, A.M; CARVALHO, A. M. R.; ALMEIDA, N. M. C.; SCHIOCHET, V.; **La Economía Solidaria de Brasil ante El contexto de crisis COVID-19**. Otra Economía, v. XIII, nº 24, 170-189, 2020. Acesso em <https://www.revistaotraeconomia.org/index.php/otraeconomia/article/view/14914>

SINGER, P. **Introdução a economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SANTOS, A. M. **O movimento de economia solidária no Brasil e os dilemas da organização popular**. Tese de doutorado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2010.